

Programado Pra Morre Nós É: O Guerreiro do Rap e o *Sample Verbal*

Lara Sanches Silva¹
Pedro Marques Neto²

RESUMO

O presente trabalho visa analisar as conexões intertextuais, além das influências mútuas entre as músicas "Programado Pra Morre", Trilha Sonora do Gueto e "Vida Loka, Pt. II", Racionais MC's no contexto do rap nacional. Investiga-se, especificamente, o papel do sampler musical e verbal nessas composições, destacando a relevância na construção de narrativas mitológicas e poéticas. Também é abordado o impacto do videoclipe como obra integral, discutindo a moda, o figurino e o cenário como elementos que colaboram para a identidade visual e mensagem da obra. O estudo indica como essas manifestações artísticas refletem a realidade das periferias e revisitam questões sociais e políticas.

Palavras-chave: Rap; Sampler; Intertextualidade; Cultura; Rap nacional.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the intertextual connections, besides the mutual influences between the songs "Programado Pra Morre" by Trilha Sonora do Gueto and "Vida Loka, Pt. II" by Racionais MC's in the context of Brazilian rap. Specifically, it investigates the role of musical and verbal sampling in these compositions, highlighting their relevance in the construction of mythological and poetic narratives. Additionally, the impact of the music video as an integral work is addressed, discussing fashion, costume, and setting as elements that contribute to the visual identity and message of the work. The study demonstrates how these artistic expressions reflect the reality of marginalized communities and bring forth social and political issues.

Key words: Rap; Sampler; Intertextuality; Culture; Brazilian rap.

¹ Bacharel e Licenciada em Letras Português e Espanhol pela EFLCH - UNIFESP (2023). Orcid: 0009-0008-6489-4433. E-mail: lara.sanches@unifesp.br

² Professor de Literatura Brasileira da EFLCH-UNIFESP. Bacharel e Licenciado em Letras pelo IEL-UNICAMP (2000). Mestre (2003) e Doutor (2007) em Teoria e História Literária pelo IEL-UNICAMP. Orcid: 0000-0003-4154-3645. E-mail: pedro.marques@unifesp.br



1. Introdução:

Antes de entrarmos na discussão propriamente dita, convém conceituar três termos centrais para o desenvolvimento do presente artigo. Começando pelo rap, que é um gênero musical que se originou na Jamaica durante a década de 60 e se consolidou nas comunidades afro-estadunidenses e latinas de Nova Iorque, na década de 70. No Brasil, o gênero começou a se desenvolver por volta de 1986, na cidade de São Paulo. Essa expressão artística combina ritmo e poesia com a utilização de batidas para a transmissão de mensagens, sobretudo de natureza política e social.

O termo *sample*, originado do inglês “amostra”, descreve o uso de trechos e recortes de outras obras musicais. A partir de elementos pré-existentes, os artistas podem criar novas composições e integrar diferentes texturas, batidas e melodias. Essa prática é usada em diversas produções, mas é uma cultura especialmente difundida na cultura hip hop. Os *samples*, portanto, abrem espaço para a intertextualidade dentro do rap, terceira de nossas palavras-chave, permitindo a conexão com outras obras musicais. Com a tecnologia, os artistas podem referenciar, homenagear e recontextualizar músicas já conhecidas. Essa intertextualidade enriquece as obras e cria uma nova camada de sentido, além de estabelecer um diálogo entre composições. Isso proporciona ao ouvinte a oportunidade de identificar e apreciar as múltiplas influências e conexões que o rap apresenta.

Os Racionais MC’s são conhecidos por utilizar *samples* em suas produções. Desde o lançamento de seu primeiro álbum, *Holocausto Urbano* (1990), eles têm incorporado trechos de músicas de artistas como James Brown em suas composições. Essa prática vem sendo uma característica marcante em vários clássicos do grupo, que possuem produções munidas da atmosfera de períodos artísticos anteriores, não raro identificados como parte das raízes negras do rap.

O próprio nome do grupo, Racionais MCs, foi inspirado em uma música de Tim Maia, demonstrando a intertextualidade presente na obra do grupo desde o nome. Ao fazer referência à obra de Tim Maia, os Racionais se conectam com outro artista muito importante



para a arte musical brasileira, criando um diálogo entre diferentes obras — de diferentes gerações — e enriquecendo ainda mais o seu repertório.

Depois do grande sucesso do quinto disco do Racionais MC's, *Sobrevivendo no Inferno* (1997), o grupo lançou seu sexto disco: *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia* (2002), que se tornou um dos maiores da história do Brasil, do rap e da música popular brasileira. O álbum é dividido em duas partes: *Chora Agora e Ri Depois*, e conta com uma série de hits, entre eles "Vida Loka, Pt. II", sétima faixa da segunda parte do álbum. A composição é da autoria de Mano Brown e a canção possui samples de múltiplos elementos de "Theme from Kiss of Blood" (1976), The Button Down Brass participação The 'Funky' Trumpet of Ray Davies, que contou com a participação do músico Ray Davies, líder do The Kinks.

Além de reproduzir parte do instrumental da melodia do grupo de orquestra, os Racionais MC's tiveram seus versos utilizados em "Programado Pra Morre", do Us Fracu num *Tem Veiz* (2003), primeiro álbum do grupo de rap Trilha Sonora do Gueto. O próprio nome do grupo T\$G pode ser, por sua vez, um intertexto com outra composição dos Racionais, "Salve", do disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997). E, além disso, a música "Vida Loka, Pt II" também inspirou a criação de "Sonhar e Viver" (2005), do grupo Inquérito, que conta com versos da segunda parte de "Vida Loka".

A maior relação está estabelecida entre as faixas "Vida Loka, Pt. II" e "Programado Pra Morre", que foram lançadas na mesma época e, tanto a música dos Racionais MC's conta com vocais de Kaskão quanto a segunda conta com um relato do líder do T\$G sobre os Racionais. Kaskão começa a faixa falando da importância do grupo de MC's para quem é de periferia, com o seguinte depoimento: "O Racionais serviu como exército dos excluídos, do povo da periferia. O Mano Brown veio com 'Pânico na Zona Sul'. Foi como se ele tivesse mandado uma carta aqui em casa como o exército faz e me convocando pra guerra" (Trilha Sonora do Gueto, 2003).

Tais músicas, "Programado Pra Morre", do Trilha Sonora do Gueto e "Vida Loka, Pt. II", dos Racionais MC's, e "Sonhar e Viver" operam em rede, estabelecendo uma intertextualidade poderosa que dialoga tanto com indivíduos específicos, como MCs e DJs, quanto com a



coletividade do rap. Essas composições extrapolam as fronteiras musicais e se tornam manifestações culturais que refletem a realidade das periferias, abordando questões sociais e políticas.

Assim, a seleção que propomos aqui dessas três composições é especialmente interessante, pois revela conexões e influências mútuas entre os artistas de idades e localidades diversas. O fato de "Vida Loka, Pt. II" utilizar samples de "Programado Pra Morre" cria uma relação próxima entre os dois grupos, Racionais MC's e Trilha Sonora do Gueto, que representam vozes importantes do rap nacional. Além disso, a música "Sonhar e Viver", do Inquérito, que sampleou verbalmente a segunda parte de "Vida Loka", estabelece mais uma camada de intertextualidade, demonstrando como as ideias e o impacto do rap reverberam e se transformam ao longo do tempo.

Curiosamente, a influência de "Vida Loka, Pt. II" se expande ainda mais, com outros artistas contemporâneos sampleando seu beat. Canções como "Atleta do Ano", MOB79, "Negô Drama Pt. 2", Nill (que também interpolou o título de outra faixa dos Racionais), "40.40, Pt. I", SD9, e Marolento, Puterrier, são exemplos de como o impacto e a sonoridade de "Vida Loka, Pt. II" continuam a ecoar e influenciar o cenário do rap.

Essa rede de conexões entre as músicas evidencia o poder do sample como uma ferramenta artística que permite aos artistas estabelecerem diálogos, reverências e releituras, construindo uma narrativa coletiva que se entrelaça com a história do rap. E, indo mais além, mostra que essa ferramenta tecnológica coloca em evidência algo como às poéticas orais, cujo aproveitamento de materiais de uma obra para outras, mantém e mesmo constitui culturas ancestrais que dependem mais da oralidade cantada que do escrito literário, embora este também seja importante para negritude afro-brasileiras, sobretudo a partir do século XX.

2. Sampler: Composição e manipulação musical

Para compreender o papel do sampler nessas músicas, é importante explicar o conceito do sampler musicalmente e tecnologicamente, como discutido por Rodrigo Souza Ferreira em



seu estudo sobre o uso de sampleamento no rap.

Sampleamento, palavra aportuguesada derivada de sampling, nada mais é do que uma forma de compor, em que se faz o corte de um trecho de uma música previamente gravada, que será utilizado para compor uma nova música. A técnica de "samplear" é uma das principais formas de criação de bases instrumentais para a poesia do rap, os chamados beats. Logo após a utilização da técnica, o produtor musical constrói repetições com a parte selecionada, gerando o ostinato, técnica marcante no gênero rap, que, utilizando-se o termo no contexto atual, seria o looping. (FERREIRA, 2020, p. 48)

Ou seja, o sampler, tanto musicalmente quanto tecnologicamente, representa a extração de trechos sonoros de uma fonte original e sua manipulação para criar novos arranjos musicais. A partir de um equipamento ou programa utilizado para gravar trechos de áudio de outras obras, é possível reutilizá-los em novas composições. Essa prática faz com que os artistas agreguem elementos sonoros de outras obras em suas criações, estabelecendo uma conexão intertextual e intermusical entre diferentes contextos.

3. O Sampler no Rap: Construção dos Beats

No contexto específico das obras que estamos analisando, o grupo Racionais MC's, como mencionado anteriormente, utilizou samples para construir a base instrumental de "Vida Loka, Pt. II". Nesse processo, eles fizeram uso de trechos da faixa "Theme from Kiss of Blood" (1976), The Button Down Brass, participação The 'Funky' Trumpet of Ray Davies, liderada por Ray Davies, líder da banda The Kinks. As informações sobre a música são ambíguas, já que no Genius, o nome consta como "Coriolanus Act 5 Scene 3" e nas demais fontes como "Theme From Kiss Of Blood", demonstrando o afinco e pesquisa necessária para encontrar obras como essa por parte dos produtores de "Vida Loka, Pt. II".

No caso específico do Racionais, a habilidade de KL Jay, DJ do grupo, como um seletor de compassos consagrados, é evidente, pois ele foi capaz de escolher e incorporar os trechos da melodia da música original para criar uma nova atmosfera sonora. Também destaca-se Mano Brown, MC e líder dos Racionais MC's, que desempenhou um papel fundamental na criação da sonoridade característica dos Racionais MC's e na produção de suas músicas.

A seleção das amostras e o trabalho de sampler realizado em "Vida Loka, Pt. II" são

96



atribuídos a KL Jay, DJ do grupo. No entanto, é importante ressaltar que Mano Brown também leva o crédito na produção da música, ao lado de KL Jay, e também reconhecer que a produção musical envolve uma série de processos, desde a concepção inicial da faixa até sua mixagem e masterização final. Mano Brown desempenhou um papel ativo nesses processos e sua experiência e conhecimento foram fundamentais na definição dos arranjos, na escolha das amostras e na criação de uma atmosfera sonora coerente com a mensagem lírica da faixa.

A prática de reproduzir e integrar elementos de outras obras revela a essência do labirinto cultural e oral do gênero. Ao contrário da cultura literária, que enfatiza a individualidade e a autoria individual, o rap reforça o coletivo e a colaboração. Na cultura oral, no caso do rap, a ideia de um fim definitivo não se encontra, já que as conexões e influências mútuas entre as músicas são constantes em um fluxo contínuo e intertextual de referências, samples e diálogos entre as obras. Essa valorização reflete uma mentalidade mais ampla na cultura hip hop, enquanto a cultura literária, por outro lado, tem um caráter mais burguês, em que o valor é atribuído à propriedade intelectual e à autoria individual.

Também é importante ressaltar o papel do rap e do sampling em si como oportunidades de ampliar o conhecimento de outros gêneros musicais. No caso de “Theme From Kiss Of Blood”, The Button Down Brass, participação The ‘Funky’ Trumpet of Ray Davies, ao analisar os comentários feitos pelos ouvintes da faixa no YouTube (em diversos links), predominam as associações da música a “Vida Loka, pt II” dos Racionais MC’s.

Dessa forma, o uso do sampler e do beat desempenha um papel fundamental no rap, sendo não só uma das principais ferramentas para a criação de novas composições, mas também uma forma de enriquecer o repertório artístico do público. Essa prática contribui para a construção de uma identidade sonora singular e particular do rap nacional. Assim, o sampler do beat no rap, revela-se como uma ferramenta criativa na produção musical, permitindo aos artistas explorar e reinterpretar trechos de outras obras para construir novas, como demonstrado pelas pesquisas mencionadas anteriormente.



4. Vida Loka, o Guerreiro do Rap

Além do sampler do beat, é interessante destacar a conexão narrativa nessas três composições em questão, e o *sampler verbal* desempenha um papel fundamental nisso. Conforme podemos ver na letra de “Vida Loka, Pt. II” (RACIONAIS MC’S, 2002), a música já começa com o Kaskão, líder do Trilha Sonora do Gueto, fazendo uma introdução.

[Intro: Kaskão]

Firmeza total, mais um ano se passando, aí
Graças a Deus a gente tá com saúde, aí, morô?
Muita coletividade na quebrada
Dinheiro no bolso, sem miséria, e é nós...
Vamo brindar o dia de hoje que o amanhã só pertence a Deus
A vida é louca!

[Verso 1: Mano Brown]

Deixa eu falar procê: Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase, irmão
Logo mais, vamo' arrebentar no mundão
De cordão de elite, dezoito quilate
Pôr no pulso logo um Breitling, que tal? Tá bom?
De lupa Bausch & Lomb, bombeta branco e vinho
Champanhe para o ar que é pra abrir nossos caminho
Pobre é o diabo e eu odeio a ostentação
Pode rir, ri, mas não desacredita não
É só questão de tempo o fim do sofrimento
Um brinde pros guerreiros, zé povinho, eu lamento
Vermes que só faz peso na Terra
Tira o zói, tira o zói, vê se me erra
Eu durmo pronto pra guerra e eu não era assim
Eu tenho ódio e sei que é mau pra mim
Fazer o quê se é assim? Vida louca cabulosa
Cheiro é de pólvora e eu prefiro rosas
E eu que, e eu que sempre quis um lugar
Gramado e limpo, assim, verde como o mar
Cercas branca', uma seringueira com balança
Disbicando pipa, cercado de criança
"Ho, ho, Brown, acorda, sangue bom
Aqui é Capão Redondo, tru', não Pokemon
Zona Sul é o invés, é stress concentrado
Um coração ferido por metro quadrado"
Quanto mais tempo eu vou resistir?
Pior que eu já vi meu lado bom na U.T.I
Meu anjo do perdão foi bom, mas tá fraco
Culpa dos imundo do espírito opaco
Eu queria ter, pra testar e ver, um malote



Com glória, fama, embrulhado em pacote
Se é isso que 'cêis quer, vem pegar
Jogar num rio de merda e ver vários pular
Dinheiro é foda, na mão de favelado, é mó guela
Na crise, vários Pedra 90 esfarela
Vou jogar pra ganhar, o meu money vai e vem
Porém, quem tem, tem, não cresce o zóio em ninguém
O que tiver que ser, será meu
Tá escrito nas estrela, vai reclamar com Deus
Imagina nós de Audi ou de Citroën
Indo aqui, indo ali, só pam, de vai e vem
No Capão, no Apurá, vô colar na Pedreira
No São Bento, na Fundão, no pião sexta-feira
De teto solar, o luar representa
Ouvindo Cassiano, ha, os gambé não 'guenta
Mas se não der, nêgo, o quê que tem?!

O importante é nós aqui, junto no que vem
O caminho da felicidade ainda existe
É uma trilha estreita em meio à selva triste
Quanto 'cê paga pra ver sua mãe agora
E nunca mais ver seu pivete, ir embora
Dá a casa, dá o carro, uma Glock e uma FAL
Sobe cego de joelho mil e cem degrau
Quente, é mil grau o que o guerreiro diz
O promotor é só um homem, Deus é o juiz
Enquanto Zé Povinho apedrejava a cruz
E o canalha, fardado cuspiu em Jesus
Aos quarenta e cinco do segundo arrependido
Salvo e perdoado, é Dimas, o bandido

[Interlúdio]

É louco o bagulho, arrepiá na hora, ó
Dimas, primeiro Vida Loka da história
Eu digo: "Glória, glória", sei que Deus tá aqui
E só quem é, só quem é vai sentir
E meus guerreiro' de fé, quero ouvir, quero ouvir
E meus guerreiro' de fé, quero ouvir, irmão
Programado pra morrer nós é
Certo é certo, é dê no que der

[Verso 2: Mano Brown]

Firmeza, não é questão de luxo, não é questão de cor
É questão que fartura alegre um sofredor
Não é questão de preza, nêgo, a ideia é essa
Miséria traz tristeza e vice-versa
Inconscientemente vem na minha mente
Inteira a loja de tênis, o olhar do parceiro feliz
De poder comprar o azul, o vermelho
O balcão, o espelho, o estoque, a modelo



Não importa, dinheiro é puta e abre as porta
Dos castelo de areia que quiser
Preto e dinheiro são palavras rivais?
É? Então mostra pra esses cu como é que faz
O seu enterro foi dramático como Blues antigo
Mas de estilo, me perdoe, de bandido
Tempo pra pensar, quer parar? Que 'cê quer?
Viver pouco como um rei ou muito como um zé?
Às vez, eu acho que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato só seu
Sem luxo, descalço, nadar num riacho
Sem fome, pegando as fruta no cacho
Aí, truta, é o que eu acho, quero também
Mas em São Paulo, Deus é uma nota de cem

[Saída: Mano Brown]
Porque o guerreiro de fé nunca gela
Não agrada o injusto e não amarela
O rei dos reis foi traído e sangrou nessa terra
Mas morrer como um homem é o prêmio da guerra
Mas ó, conforme for, se precisar
Afogar no próprio sangue, assim será
Nosso espírito é imortal, sangue do meu sangue
Entre o corte da espada e o perfume da rosa
Sem menção honrosa, sem massagem
A vida é louca, nego, e nela eu tô de passagem
À Dimas o primeiro
Saúde, guerreiro!
Dimas... Dimas... Dimas...

Além da presença do líder do T\$G, também encontramos menções a outros artistas e gêneros musicais que transpassam a cultura negra e a trajetória do hip hop. Cassiano (Genival Cassiano dos Santos, 1943-2021), um dos maiores nomes da cultura funk e soul brasileira, é citado no verso: “Ouvindo Cassiano, ha, os gambé não guenta”, que pode remeter ao incômodo policial com a autoestima negra. Referências como essa são usadas para criar senso de pertencimento e identidade em quem ouve a faixa, estabelecendo relação com artistas e gêneros da cultura musical periférica.

A letra também carrega conexão e intertextualidade com narrativas bíblicas, por exemplo ao evocar a figura de São Dimas, apresentado como o Bom Ladrão, pelo Evangelho de São Nicodemos, símbolo de redenção e perdão.



O Racionais MC's utiliza-se dessa figura religiosa para compreensão e explicação da existência do sujeito periférico na vida loka, a partir da perspectiva de uma reatualização bíblica. O trecho trata da crucificação de Jesus Cristo, realizada por soldados, ao lado de dois ladrões. Os soldados e o ladrão, menos Dimas, começaram a blasfemar de Cristo. (TAKAHASHI, 2014, p. 113)

Junto com Jesus, havia outros dois criminosos pendurados na cruz para morrer, e um deles blasfemava da figura de Cristo, questionando se eles não poderiam ser salvos já que ele possuía tanto poder. Dimas, foi contra o outro ladrão e reconheceu seus crimes, além de dizer que Cristo não merecia tal condenação, e se arrependeu perante a figura de Cristo, como citado no verso da música, sendo o único a ficar do lado de Jesus em seu momento final. Mais uma vez aqui é evocada a figura do guerreiro no rap, em uma relação bélica entre soldados e prisioneiros. (TAKAHASHI, 2014, p. 114).

A letra de “Vida Loka, Pt. II” é um verdadeiro mosaico de várias referências, desde o soul e o funk brasileiros até as narrativas bíblicas. Toda essa complexa teia intertextual enriquecem sua profundidade e significado, evocando uma diversidade de camadas de interpretação.

Já na composição “Programado pra Morre”, Trilha Sonora do Gueto (2003), a intertextualidade já começa nos primeiros versos da música, que está diretamente relacionada com a obra do Racionais não só na reprodução dos versos de “Vida Loka, Pt. II”, como também na referenciação do grupo como um exército dos excluídos. Kaskão, líder do T\$G, afirma que se sente convocado por Mano Brown a entrar para uma guerra, conforme seguem os versos:

[Intro]

O Racionais serviu como o exército dos excluídos, do povo da periferia. O Mano Brown veio com "Pânico na Zona Sul". Foi como se ele tivesse mandado uma carta aqui em casa como o exército faz e me convocando pra guerra

[Refrão x3]

Programado pra morrer nós é
Certo é certo é, dê no que der

[Karate]

Cochilou, mano, quando acorda é tarde
Aqui cabelo voa no mundo covarde
O ser humano que respeita e morre por ela
Quem é, é conhece o pique de favela



O guerreiro de fé que não se entrega assim
No mundão a vida é loka, são vários contra mim
É certo da antiga poucos são de confiança
Traição consigo mesmo, mata qualquer esperança
Jogo do submundo tá contando com a sua sorte
Aqui a aposta alta, jão, é vida ou morte
A iniquidade se afundo de cu na arca de Noé
É vários que se ilude que quer ser o que não é
Duas da mente ele já é um canalha
O sangue bom de 2 minutos enche o peito e da falha
Com sorriso na cara pagou de malandrão
Com ar ambicioso vai vendo, jão
Quis zoar minha família, juro minha coroa
Boto fogo na casa, a situação não é boa
A vida é loka, nego, tô de passagem
A missão é pros guerreiro a cabreragem é pros covarde
Desculpe, Deus, mas não tô julgando
A verdade é dita pra quem é ser humano

[Refrão x3]

Programado pra morrer nós é
Certo é certo, é dê no que der

[Boka]

Acordo na madrugada e escuto a pá de tiros
Pilantra tem de monte só que ai não cochilo
Pego a Jericho, pronto pra missão
Submundo obscuro, não existe sangue bom
Pro crime você só vale o que você tem
Depois que tá em cana não tem nada, não é ninguém
Mulher te abandona, amigo te esquece
E se não for pedreira vai pro 5 e não pro 7
Me lembro na antiga eu não era assim
No mundão a vida é loka, são vários contra mim
Anjo do bem me proteja do mal
Revolucionário, bandido e tal
Filho de Deus, um vida loka da história
Programado pra morrer, Ave Maria e glória
Guerreiro é assim, não treme, não gela
Pode vim, pode rir, o que se quer, zé goela?
Comigo é sem problema, só disposição
O sistema não abala e não desacredita não
Então, Deus que me ilumine
Eu divido com você
Bokão, rapper nato, nós na fita até morre

[Refrão x3]

Programado pra morrer nós é
Certo é certo, é dê no que der



[X-Bacon]

Deus seja louvado aqui na terra
O barato é loko, tá tipo guerra
E só quem é sabe qual que é
A psicologia permanece de pé
Olhar cavernoso, maldade ou fome
Na lei do gueto atitude é pra homem
Antes de falar tente olhar seu nariz
Se põe no pente fino cai "pioi" que deu no xis
Não sou mais que ninguém, não vim pra julgar
Que a psicologia permaneça no lugar
Se der falha a navalha estraçalha
Do lado de lá, de cá o sangue espalha
Arma, dinheiro, seus truta, seu pó
Se estiver errado aqui está só
Não passa batido nem despercebido
Dê no que der, certo é corrigido
Ai, choque, vários barato cabuloso
Se não analisar fica desastroso
O mundo é um espelho, corra pelo certo
Zé povinho morre feio no inferno
Irreconhecível, tá ligado, jão
X-Bacon, lá do leste, envolvido na função

[Refrão x3]

Programado pra morrer nós é
Certo é certo, é dê no que der

[Kaskão]

Firmeza, a questão é essa
Nego, o proceder é o passaporte pra você sobreviver
No beco, em cana, made in favela
Um dos vida loka não cochila, nunca gela
Morre na batalha, sangra na navalha
Fez um mal criador da traição, canalha
Quem com ferro fere, jão, vai ser ferido
Ditado é da antiga e se cê fez se tá fodido
Me lembro da saudade, ó, da minha infância
Nada de maldade, tudo era esperança
Eu cresci, lutei, pela inveja perseguido
Se eu não fosse zica, jão, tinha subido
A rua ensina e é pesada a lição
Guerreiro de fé nada de contradição e..

[Refrão x6]

Programado pra morrer nós é
Certo é certo, é dê no que der



Os narradores retratados nas letras se apresentam como soldados em uma batalha, que lutam para sobreviver em um ambiente hostil. Eles enfrentam um destino pré-determinado que os condena à morte prematura antes mesmo de atingirem a maturidade, mas resistem e lutam para se manterem de pé.

Essa temática remete ao mito do herói, como previsto por Aristóteles (“A Poética”, pp. 453-454), que descreve heróis que partem para a guerra em busca de glória, enfrentando inimigos e superando obstáculos. Nessa narrativa, o protagonista enfrenta desafios e perigos para alcançar a glória ou sobreviver. Assim como nas antigas epopeias, onde personagens como Ulisses, Aquiles e Ajax enfrentaram batalhas e provações, os MC’s dessas músicas retratam um guerreiro urbano com princípios, armas e inimigos bem definidos.

Retomando o contexto da música na realidade periférica, há uma conexão com os heróis cristãos que, diferente dos heróis gregos, são supliciados. Enquanto Aquiles é nobre e morre em batalha, Jesus vem das classes oprimidas por romanos e judeus ricos, sendo amarrado, torturado, exposto à execração pública e morto numa periferia. Assim, para ser um herói no contexto social do rap, é preciso somar aos valores morais de Jesus justamente a força e a ira arrogante de Aquiles para sobreviver.

O cristianismo foi a argamassa do colonialismo e desempenhou um papel importantíssimo na formação cultural brasileira, uma população que historicamente sempre sofreu suplícios, que foram incorporados na identidade do povo. No entanto, o rap não busca apenas perpetuar essa imagem de supliciado, mas sim do guerreiro que supera essas adversidades, que não se conforma com a imagem comum do pobre coitado, do pobre diabo.

A ideologia por trás do rap dos Racionais é a de rejeitar o fardo imposto pela sociedade, em uma luta contra a submissão e a miséria. É uma batalha contra a ideia de que os jovens de periferia devem ser excluídos de determinadas oportunidades, de que a beleza eurocêntrica é a única que tem valor. A ideia é abandonar essa cruz chamada derrota programada, quebrando estereótipos sociais e transformando o papel de supliciado em guerreiro.

Os quase quatro séculos de escravidão deixaram um imenso legado na sociedade



brasileira, com formas e relações que perduram até os dias atuais. O Brasil contemporâneo ainda enfrenta o racismo estrutural, a desigualdade econômica e uma elevada repressão social como resultado desse legado escravocrata. Além disso, outro fenômeno histórico cujas estruturas não foram completamente desmontadas foi a ditadura militar, que oficialmente ocorreu entre os anos de 1964 e 1985. Segundo D’Andrea (2018):

Com o fim da ditadura no segundo quinquênio da década de 1980, abriu-se no Brasil um cenário propício para a arte crítica. É nesse momento que explodem o samba de raiz e o rock nacional. E é nessa encruzilhada histórica que o rap surge no cenário brasileiro, para então se consolidar nos anos 1990.

Na década de 1990, o rap nacional se tornou uma voz que encarnava e expressava a crítica de um setor social que ainda sofria as consequências do legado escravocrata. No entanto, foi apenas com o fim da ditadura, quase simultâneo à ascensão do rap, que essa crítica feroz pôde ser amplamente divulgada. De maneira paradoxal, o rap se tornou expressão das feridas não cicatrizadas da ditadura e do colonialismo, ao mesmo tempo em que só se tornou possível de ser divulgado após o seu término. Enfrentando ainda estruturas antigas de opressão, o rap surge como uma necessidade de dar voz e assumir o protagonismo.

O álbum Nada Como Um Dia Após o Outro Dia dos Racionais MC's, lançado em 2002, é uma expressão artística que reflete as feridas históricas e a necessidade de manifestação contra as estruturas opressivas que persistem na sociedade brasileira. Segundo Amailton Magno de Azevedo, doutor em história e especialista em música negra, esse álbum consolida o rap político do Racionais MC's, além de representar a afirmação do orgulho negro e a presença negra ativa, bela e desavergonhada.

KL Jay e Mano Brown, reconhecem a importância dessa obra. KL Jay afirmou que, apesar de Sobrevivendo no Inferno (1997) ser um álbum clássico, é Nada Como Um Dia Após o Outro Dia (2002) que solidificou a carreira do Racionais. Mano Brown comentou no mini documentário sobre as três décadas do grupo que considera esse o maior disco, pois abrange ideias autênticas dentro do contexto da quebrada, do que é verdadeiro e do que permanecerá para sempre. (FAGUNDES, 2002).



5. Intertextualidade intermídia e Identidade Musical: O *Sampler Verbal*

E a construção desse mito poético é onde o *sampler verbal* desempenha um papel fundamental. Ao selecionar e samplear versos da música “Vida Loka, Pt. II”, o Trilha Sonora do Gueto estabelece uma conexão com o mito do guerreiro urbano. Eles criam uma narrativa que enaltece os princípios, as armas e os inimigos bem definidos, criando um sentido de identidade coletiva e uma representação poderosa do indivíduo que luta contra as adversidades sociais.

Os trechos “Vida Loka, Pt. II” (2002) e “Programado pra Morrer” (2003), respectivamente do grupo Racionais MC's e Trilha Sonora do Gueto, possuem uma conexão narrativa e intertextual. Desde a introdução de Kaskão, líder do T\$G, em “Vida Loka, Pt. II”, até a referência direta dos versos dessa mesma música em “Programado Pra Morre”. Ambas composições são ricas em intertextualidade, evocando diferentes referências musicais, culturais e religiosas.

Essa reprodução do verbo então, ao construir narrativas míticas e poéticas, vai além da mera reprodução do som e da batida, grandiosa por si só, mas revelando-se como uma ferramenta importantíssima para que os MC's transmitam mensagens profundas e relevantes sobre a realidade social, sobre as vivências individuais e coletivas daqueles que lutam diariamente pela sobrevivência em um Brasil injusto e desigual.

Dessa forma, o *sampler verbal* emerge como uma técnica artística extremamente relevante que cria a possibilidade de construção de narrativas lendárias e poéticas no contexto do rap, ampliando o alcance e a profundidade das mensagens transmitidas pelos artistas, e contribuindo para a expressão da identidade cultural e das experiências sociais presentes no rap.

É possível samplear trechos de discursos, entrevistas, filmes, versos de outras músicas e diversas outras fontes de áudio, criando uma mistura única de significados. Juntando fragmentos de diferentes contextos e discursos, o *sampler verbal* cria uma nova forma de contar histórias, criando um impacto emocional e intelectual, elevando o rap a uma nova forma



de arte. Tudo isso, ao mesmo tempo, está conectado aos modos de memorização coletiva das oralidades ancestrais, quando cada indivíduo retém uma parte de um acervo cultural dinâmico, cuja totalidade apenas se dá em comunidade e ao longo do tempo.

6. O videoclipe: o espetáculo de um Vida Loka

Seguindo a reflexão sobre assunto segundo o conceito de intertextualidade, mas expandindo o termo para as demandas do videoclipe, que é um espetáculo que une elementos visuais, sonoros e narrativos para transmitir uma mensagem impactante e memorável. O espetáculo aqui, semelhante ao discutido por Aristóteles quando trata da tragédia (“A Poética”, pp. 447-448), torna-se um verdadeiro teatro da música, onde direção, figurino e elementos cênicos se juntam para dar vida às palavras e conceitos que estão sendo expressos. Enquanto obra total, desempenha um papel fundamental na arte musical e especialmente no rap, já que vai além da obra em si e oferece uma experiência audiovisual completa. É nesse formato que os elementos visuais e sonoros se complementam, proporcionando uma experiência completa.

A moda e o figurino desempenham um papel importantíssimo, pois ajudam a construir a identidade visual dos artistas, transmitindo mensagens simbólicas e estilísticas. Cada escolha de roupa contribui para a caracterização dos personagens e reforça a mensagem transmitida pela música, definindo a identidade do grupo, sua origem e suas preferências. O estilo adotado pelos integrantes reflete suas origens e conexão com a cultura hip-hop, além de transmitirem a realidade das periferias. Eles usam roupas largas, como calças e camisetas folgadas, elementos da cultura hip-hop que estão associadas à liberdade de movimento e expressão individual.

As roupas dos Racionais MC's também refletem seus gostos musicais e culturais. Eles costumam usar camisetas ou bonés com logotipos de marcas de música, como a Death Row Records, que foi uma influência significativa para o grupo. A moda hip-hop também é caracterizada pelo uso de acessórios como correntes de ouro, bonés e tênis esportivos, que



podem ser vistos nos cliques dos Racionais MC's. Esses elementos contribuem para a estética geral e mostram um alinhamento com a cultura hip-hop e suas referências. As próprias letras falam do visual, em "Vida Loka, Pt. II" aparecem cordões de elite, lupa Bausch & Lomb, bombetas branco e vinho e outras marcas.

O set de filmagem é selecionado para reforçar a mensagem e a identidade do grupo. O clipe é ambientado em áreas urbanas das periferias, trazendo uma atmosfera realista que reflete a realidade vivida por muitos jovens desses territórios. Essas áreas também aparecem nas letras, que mencionam lugares como Capão Redondo, Zona Sul, Fundão, entre outros. O clipe retrata cenários típicos dos bairros mais afastados do centro, como vielas, becos e ruas estreitas. A escolha desses ambientes estabelece uma conexão visual imediata com o público que pode se identificar com esses lugares e compreender as mensagens e histórias apresentadas.

Além de retratar os ambientes urbanos, o videoclipe também destaca elementos icônicos da cultura hip-hop. Por exemplo, há cenas com grafites nas paredes, que são uma forma de expressão artística muito presente especificamente na cidade de São Paulo e no movimento hip-hop. Os Racionais MC's estão sempre em meio a grupos de pessoas, reforçando a ideia de comunidade e pertencimento e também se relacionando a ideia de exército dos excluídos, trazida por Kaskão na introdução de "Programado Pra Morre". Essas imagens coletivas também remetem a aspectos culturais do hip-hop, onde o grupo e a união são valorizados.

Por meio do videoclipe, obra audiovisual, os artistas criam uma narrativa visual que aprofunda e amplia o significado da música. Eles utilizam recursos cinematográficos, como planos de câmera, edição e efeitos visuais, para transmitir emoções, contar histórias e transmitir mensagens políticas, sociais e culturais. O videoclipe permite uma liberdade criativa maior, tornando-se um veículo para expressar a identidade artística dos Racionais MC's.

No caso específico do videoclipe de "Vida Loka, Pt. II", essa liberdade criativa é



explorada de forma intensa. O clipe é uma extensão da mensagem da música, aprofundando o retrato da realidade das periferias e manifestando questões sociais relevantes. O videoclipe de "Vida Loka, Pt. II" utiliza recursos visuais para transmitir mensagens políticas e sociais.

Além disso, o clipe também apresenta imagens de resistência e resiliência. Os Racionais MC's são mostrados como figuras de autoridade e liderança, representando a voz dos marginalizados e expressando sua luta por justiça e igualdade. A narrativa visual do clipe segue a letra da música, criando uma atmosfera densa.

Dessa forma, o videoclipe opera como uma obra total, combinando som, imagem, figurino, locação e narrativa para criar uma experiência sensorial completa diretamente relacionada com a música. No geral, o clipe de "Vida Loka, Pt. II" dos Racionais MC's utiliza a moda e outros recursos visuais, para ampliar o impacto da obra musical e transmitir mensagens políticas e sociais. Por meio de uma narrativa visual poderosa, o clipe reforça a identidade do grupo, sua origem nas periferias e suas lutas por justiça e igualdade, oferecendo uma representação visual intensa da realidade vivida por muitos jovens da periferia.

7. Considerações finais

A partir da análise dessas músicas e de suas conexões intertextuais, é possível concluir que elas representam manifestações culturais poderosas que refletem a realidade das periferias brasileiras e abordam questões sociais e políticas. A relação estabelecida entre as músicas "Vida Loka, Pt. II", "Programado Pra Morre" e "Sonhar e Viver" cria uma rede de influências mútuas entre os artistas e demonstra como o rap reverbera e se transforma ao longo do tempo.

O uso do sampler no rap revela-se como uma ferramenta criativa e significativa, permitindo aos artistas explorar e reinterpretar trechos de outras obras para construir novas composições e estabelecer conexões intertextuais entre diferentes contextos musicais. Esse processo de sampleamento musical e verbal contribui para a construção de uma identidade



sonora única e própria do rap, ao mesmo tempo em que amplia o alcance e a profundidade das mensagens transmitidas pelos artistas e também o conhecimento de outros gêneros musicais.

Além disso, o videoclipe desempenha um papel fundamental na expressão artística do rap, como uma espécie de expansão da letra e da música, unindo elementos visuais, sonoros e narrativos para transmitir mensagens relevantes. A moda contribui para a construção de sua identidade visual e transmite mensagens estilísticas, enquanto o set de filmagem e os recursos cinematográficos ajudam a estabelecer uma conexão visual imediata com o público e a aprofundar o significado da obra.

No geral, as músicas analisadas e suas expressões artísticas associadas revelam a importância do rap como uma forma de resistência e voz para as comunidades marginalizadas, ao mesmo tempo em que demonstram a riqueza cultural e a capacidade de transformação do rap. O hip hop continua a evoluir e a impactar a sociedade, mantendo-se como uma expressão artística relevante e poderosa.

8. Referências

ALVES, Adjair. *O Rap é uma guerra e eu sou gladiador: um estudo etnográfico sobre as práticas sociais dos jovens hoppers e suas representações sobre a violência e a criminalidade*. Recife, Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

ARISTÓTELES. *Poética. Tradução e notas Eudoro de Souza*. In: Os Pensadores – Aristóteles. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BUTTON DOWN BRASS, THE FUNKY TROMPET OF RAY DAVIES. Theme From Kiss of Blood. In: Firedog! [LP]. Reino Unido: DJM Records, 1976.

CARVALHO, Alexandre Pitta. "EU TROUXE NA ALMA A ESSÊNCIA QUE ELES BUSCAM NO SAMPLE": A POLÍTICA DO SAMPLING EM CRIOLO E EM EMICIDA. *Scripta Alumni*. Uniandrade, n. 21, 2019. ISSN: 1984-6614.

D'ANDREA, T. Contexto histórico e artístico de produção do fenômeno Racionais MC's: uma ruptura musical. *Música Popular em Revista*, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 95–112, 2018. DOI: 10.20396/muspop.v5i1.13127. Disponível em:



<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/13127>. Acesso em 19/05/2023.

FAGUNDES, Evelyn. *Racionais MC's: Nada Como Um Dia Após o Outro*. Agência Mural, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/racionais-mcs-nada-como-um-dia-apos-o-outro/>. Acesso em 18/05/2023.

FERREIRA, Rodrigo Souza. O uso de sampleamento no rap - Técnicas, leis e produção musical. *VI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA: XVII Colóquio do Programa de Pós Graduação em Música na Unirio*, Rio de Janeiro, n. 6, 2020. Disponível em: <http://seer.unirio.br/simpom/article/view/10656>. Acesso em 01/06/2023.

INQUÉRITO. *Sonhar e Viver*. In: Inquérito. *Mais Loco Que U Barato!*. São Paulo, 2005.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *Racionais MC's e a crítica social através do rap e do hip-hop. Entrevista especial com Anderson Grecco*, 2007. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/10607-racionais-mc%60s-e-a-critica-social-atraves-do-rap-e-do-hip-hop-entrevista-especial-com-anderson-grecco>. Acesso em 30/06/2023.

KONDZILLA. *Explicando em detalhes o que é sample*. Disponível em: <https://kondzilla.com/explicando-em-detalhes-o-que-e-sample/>. Acesso em 09/06/2023.

LUZ, Vinícius Silveira. A influência da paisagem sonora na composição do rap nacional e a cena do hip-hop e suas dinâmicas culturais e identitárias em uma periferia de Florianópolis, SC. *IV Seminário Internacional História do Tempo Presente*. UDESC - Florianópolis - SC, 2021.

MOB79. *Atleta do Ano (REMIX)*. In: MOB79. *Atleta do Ano (REMIX)*. São Paulo: CEIA Ent, 2017.

Nill (Davi Rezaque de Andrade); Yung Buda (Nicholas K.). *Nego Drama Pt. II*. In: niLL. Regina. São Paulo, 2017.

PLANETA MÚSICA. *Você sabe o que é sample?*. Disponível em: <https://blog.planetamusica.net/voce-sabe-o-que-e-sample/>. Acesso em 09/06/2023.

PORTAL RND. *Samples Racionais MC's*. Disponível em: <https://portalrnd.com.br/samples-racionais-mcs/>. Acesso em 09/06/2023.

Puterrier (Victor Mitoso); Borges (Luís Felipe Borges Campos). *Marolento*. In: Puterrier, Borges, *Heavy Baile*. Marolento. Rio de Janeiro: Mainstreet Records, 2023.



RACIONAIS MC's. Vida Loka, Pt. II. In: Racionais MC's. Nada Como Um Dia Após o Outro Dia (Disco 2: Ri Depois). São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

SAMYN, Henrique Marques. Figurações do (anti-)herói épico em "Tô ouvindo alguém me chamar", dos Racionais MC's, e "Isso aqui é uma guerra", do Facção Central. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 55, p. 223-237, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/15632/13933>. Acesso em 30/05/2023.

SD9; VND (Guilherme Leopoldo). 40º.40. In: SD9. 40º.40. Rio de Janeiro, 2020.

SESI-SP. *História do rap no Brasil*. Disponível em:

<https://aekarvalho.sesisp.org.br/noticia/historia-do-rap-no-brasil#:~:text=O%20Rap%20e%20a%20sua,um%20novo%20significa%20ao%20Rap.> Acesso em 09/06/2023.

SOUZA, Gustavo. Traficantes e justiceiros: criminalidade e visibilidade nos documentários "Notícias de uma guerra particular" e "O Rap do Pequeno Príncipe contra as almas sebosas". *Contemporânea*, v. 6, n. 1, 2006. DOI <https://doi.org/10.12957/contemporanea.2006.17159>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17159>. Acesso em 01/06/2023.

SOLEDADE, Alisson Cruz. Entre o ethos criminoso e o professoral: a tentativa de censura do videoclipe "Isso aqui é uma guerra" do grupo Facção Central. *Pol. Cult. Rev.*, Salvador, v. 11, n. 1, p. 77-99, 2018.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. *Evangelho segundo Racionais MC'S: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas do rap*. São Carlos, Dissertação, Universidade Federal de São Carlos, 2014.

TRILHA SONORA DO GUETO. Programado pra Morre. In: Trilha Sonora do Gueto. Us Fracu num Tem Veiz. São Paulo, 2003.

VARGAS, Herom; CARVALHO, Nilton. DJ Tudo, samples e hibridismos: da linguagem do estúdio para a apresentação ao vivo. *LÍBERO*. São Paulo, v. 19, n. 38, p. 59-68, 2016.

WhoSampled. Disponível em: <https://www.whosampled.com/>. Acesso em: 20/05/2023

